

Gramsci em Quadrinhos: uma difusão ilustrada¹

Flávio Américo Tonnetti²

“Gramsci em Quadrinhos”, livro com textos de Nestor Kohan e ilustrações de Rep, se publica no Brasil com tradução para o português de Marcelo Brandão, a partir do original em espanhol publicado na Argentina, onde o livro recebia o título mais apropriado de “Gramsci para principiantes”. Mais apropriado, porque o livro não se trata, verdadeiramente, de uma História em Quadrinhos em sua forma estético-narrativa, mas de um livro de difusão cultural com textos breves ilustrados por imagens caricaturais que, a despeito de dialogarem com uma determinada estética dos quadrinhos, não podem se identificar plenamente com ela. Isso porque, ao longo de toda sua extensão, o livro apresenta uma grande quantidade de texto fora da estrutura estético-narrativa dos quadrinhos, para os quais os desenhos de Rep funcionam apenas como ilustração ou comentário ao conteúdo produzido por Néstor Kohan – numa lógica composicional mais próxima à editoração jornalística.

A discussão de uma obra que se apresenta nesse formato – e que poderia ser tomada, no limite, como uma obra de divulgação científica no campo da filosofia política – quando percebida e discutida a partir de sua estética composicional nos permite propor uma reflexão sobre os limites de nossa formação artística e editorial. No caso da obra em questão a reflexão é ainda mais importante, pois não se trata de um filósofo político qualquer, mas de alguém para quem a estética foi questão importante – sobretudo no que concerne à estética da comunicação editorial tendo em vista suas finalidades políticas. Gramsci, como filósofo político, foi um ativista revolucionário para quem a comunicação, com seus múltiplos suportes, podia ser considerada uma arma. Daí a importância de conhecer bem os mais variados gêneros de arma e de dominar bem o seu manejo.

Por isso talvez seja importante lembrar que os gêneros textuais não merecem atenção apenas como conteúdo de uma discussão filosófica, mas como plataforma a partir da qual as próprias ideias filosóficas irão circular. A forma comunica e o meio é a mensagem! Em uma peça publicitária ou num panfleto comunista estão contidas uma infinidade de teses sobre sujeito, comunicação e sociedade. O que significa dizer que a forma não serve apenas como suporte revelador de um determinado conteúdo que se escreve sobre ela, mas que também veicula outros. A forma comunica e ao comunicar o faz politicamente. A partir da forma somos capazes de auscultar o que não foi dito, nos permitindo adivinhar o contexto de elaboração de um discurso, os modos de produção de um livro e as relações interpessoais de autoria e co-autoria, a partir das quais autores e editores dialogam entre si e com o seu mercado de leitores. Sobre estas questões, “Gramsci em Quadrinhos” também nos oferece um material significativo.

Autores de Histórias em Quadrinhos que costumam trabalhar em parceria – ou em equipe – o fazem por vezes de forma tão articulada que a parceria entre texto e imagem acaba se confundindo na produção de um resultado único que só pode ser obtido como fruto

¹ Resenha de KOHAN, Néstor; REP. *Gramsci em Quadrinhos*. Posfácio de Lincoln Secco. Tradução de Marcelo Brandão. São Paulo: Veneta, 2019.

² Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: flavio.tonnetti@ufv.br.

autoral dessa parceria, tecida na articulação profunda entre os seus produtores. No caso de “Gramsci em Quadrinhos”, as dedicatórias do escritor e do ilustrador que as produziram são reveladoras no sentido de sugerir que essa talvez não tenha sido a lógica de produção deste trabalho. Cada um produz uma dedicatória separadamente, deixando claro que se dedica apenas a parte que lhe coube no trabalho; algo que soa ao leitor brasileiro de modo curioso – dizem cada um dos dois: dedico “minha parte deste livro”. Tal procedimento nos dá notícia de que provavelmente o trabalho tenha sido feito na lógica da especialização produtiva, cada um dedicando-se à parte que lhe coube desempenhar individualmente na linha de produção fracionada em que a composição de um produto editorial bem poderia ser uma encomenda do editor que contratou o trabalho.

Nesse sentido, o título brasileiro falseia essa característica de livro – um texto ilustrado – ao sugerir que a obra possa configurar-se como História em Quadrinhos. A estratégia, entretanto, é comercialmente compreensível, pois o torna mais vendável ao mercado nacional, já que o termo Quadrinhos possibilita aumentar sua circulação para além do público de esquerda, permitindo que o livro, ainda, seja adquirido por bibliotecas escolares em programas governamentais de compra de paradidáticos destinados à Educação Básica. O título permite, ainda, que o livro possa atrair interesse de educadores marxistas ou de jovens e adultos interessados em outras linguagens – para estes últimos, pela especificidade do volume, talvez o livro possa ser frustrante em vista das expectativas estéticas criadas pelo título da edição brasileira.

Em relação ao conteúdo, o sumário apresenta 125 tópicos, com os três últimos dedicados a itens pós-textuais – uma lista de sites relacionados ao pensamento de Gramsci e sua presença na Internet, um índice remissivo e um posfácio à edição brasileira escrito por Lincoln Secco, professor de história contemporânea da Universidade de São Paulo, que assina também o texto da contracapa.

Os tópicos se distribuem por uma ou duas páginas e são acompanhados, em geral, por dois parágrafos de texto corrido e uma caricatura correspondente ao tópico. Um número significativo de tópicos cobre aspectos biográficos da vida de Gramsci – “A infância de Gramsci”, “Um estudante pobre”, “Antonio e sua família”, “Primeiros dias na prisão” são alguns dos exemplos, revelando um tipo comum de redação de livros dedicados à difusão introdutória nos quais encontramos capítulos iniciais dedicados a uma “vida e obra”. Alguns tópicos procuram contextualizar o pensamento do autor a partir de momentos históricos de relevância política – “A Itália no começo do século”, “Mussolini no poder”, “A história da Itália moderna” etc. Outros dão conta de suas influências e debates intelectuais – “Gramsci interpreta Lenin”, “Gramsci e Trotsky”, “Gramsci e Lukács”, “Debate Gramsci-Mussolini” são alguns dos exemplos. Os textos atendem a finalidade de divulgação à qual a obra se destina, apresentando de forma bastante enxuta uma cobertura muito variada de temas. Isso significa que o texto deve ser tomado como porta de entrada para a obra de Gramsci e não como obra especializada voltada para públicos acadêmicos que poderiam reclamar de generalizações ou falta de aprofundamento. Entretanto, a sua presença, como livro de filosofia política apresentado com estética caricatural e texto breve, torna-se relevante no interior de um sistema no qual o pensamento de esquerda está em cheque e no qual a comunidade acadêmica é acusada de ter virado as costas para a sociedade. Voltada mais para fora da comunidade de estudiosos do que para dentro, por seu conteúdo, é preciso valorizar a publicação dessa tradução como esforço na linha de uma divulgação científica. Mas pela

sua forma talvez pudesse ser tomada como proposição a ser debatida por pares acadêmicos interessados em melhorar o alcance de sua comunicação científica e em aprimorar suas estratégias didático-pedagógicas, ainda que consideradas apenas endogenamente. Embora a obra não se configure como um livro didático, pode-se, com algum esforço, assumi-lo a partir da lógica dos paradidáticos – se articulados por um bom professor ou educador político. Nesse sentido, “Gramsci em Quadrinhos” pode também nos convidar a produzir e a melhorar formas comunicativas apoiadas em gêneros diversos para além do artigo acadêmico, para que se possa inaugurar alguma espécie de ativismo acadêmico bem-humorado que talvez falte à realidade brasileira.

Do ponto de vista gráfico, os desenhos de Rep estão bem enquadrados numa estética engajada, cujo estilo – de traço e de composição – se ajusta bastante bem às publicações de uma esquerda militante latino-americana que produz – na esteira do pensamento gramsciano – seus próprios jornais onde as caricaturas e ilustrações possuem um papel programático. Também aqui há um esforço editorial que deve ser reconhecido do ponto de vista filosófico e político: o livro realiza em si mesmo, em alguma medida, a perspectiva de uma militância cultural que podemos depreender do próprio pensamento gramsciano.

Um elemento relevante da edição brasileira é o posfácio de Lincoln Secco que, do ponto de vista formal, segue a lógica da obra como um todo: se compõe por tópicos curtos em extensão de 4 a 6 parágrafos, ao longo dos quais narra, cronologicamente, a presença e a difusão das ideias de Gramsci no Brasil. O posfácio é importante, sobretudo, porque é acompanhado de uma série de notas com referências que permitem aos leitores interessados aprofundar o estudo sobre o pensamento de Gramsci. Dele, vale destacar um tópico curiosamente – e equivocadamente – apresentado na edição como uma “conclusão” de seu posfácio. Nessa “conclusão”, trata da presença de Gramsci no imaginário de membros das Forças Armadas brasileiras, que cunharam o bizarro termo “gramscismo” para se referir a um conjunto equivocado de ideias que foram desenvolvidas e difundidas entre militares brasileiros de altas patentes em torno de uma má compreensão do pensamento de Gramsci. Pensamos que a falta de uma formação intelectual adequada e a precária formação humanística entre os militares nacionais, atestadas pela insuficiente compreensão de um autor, não pode ser utilizada como forma redutora para “concluir” com isso que seja este, no Brasil o destino das ideias de Gramsci. E é nesse sentido que consideramos a presença dessa “conclusão” como um vício de gêneros acadêmicos que obrigam os trabalhos a terminarem com uma conclusão – no caso deste posfácio, em vez de uma “conclusão”, talvez fosse o caso de apresentar o trecho do texto como uma “anomalia”. A própria obra em questão dá pistas de que a circulação das obras e das ideias de Gramsci possa ter um destino muito mais nobre à guisa de conclusões.

Para aqueles interessados na militância política e cultural, vale apontar para um horizonte possível: ainda que possa ser válido ou significativo o esforço de se produzir jornais sindicais e fanzines impressos – ou quadrinhos que não são quadrinhos – é preciso compreendê-los como um esforço tímido, talvez datado, tendo em vista a época das redes sociais digitais e dos memes – em que vivemos. A comunicação, inclusive a nossa, deve ser pensada de forma crítica. Os intelectuais, editores e militantes das esquerdas de cariz revolucionário precisam, urgentemente, adentrar no universo da comunicação digital. A obra aqui resenhada, no que toca às ilustrações, poderá, quem sabe, ser utilíssima fonte para a composição de memes.